



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

GT1 Africanidades e Brasilidades em Literaturas e Linguísticas

**A LITERATURA DE ANA MARIA MACHADO EM MEIO À
DESCOLONIZAÇÃO DO IMAGINÁRIO DA MULHER NEGRA**

Manuella Moura Miranda¹

Bárbara Albuquerque da Paixão²

Cleudes Cotias Santos³

RESUMO: Pretendemos, na obra *A princesa que escolhia* (2012) e *Menina bonita do laço de fita* (1999), da escritora Ana Maria Machado, mostrar o processo de descolonização do imaginário acerca da identidade de gênero e da mulher negra. Recorreremos às teorias que analisam a enunciação discursiva e as teorias pós-coloniais e pós-feministas, que rasuram conceitos hegemônicos e dimensionando *narrativas como efeito de realidade*.

Palavras-chave: pós-colonial; pós-feminista; Ana Maria Machado.

¹ Mestranda em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/BA. Email: manumourass@hotmail.com.

² Mestranda em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/BA. Email: barbara.apaixao@gmail.com.

³ Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/BA. Email: cleuedessantos@gmail.com



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

INTRODUÇÃO

Os debates sobre colonização e descolonização vem sendo cada vez mais objeto de estudiosos e pesquisadores dos estudos pós-coloniais. A temática atenta-se às consequências geradas nos imaginários após todo o processo de colonização da América do sul e da África e da valorização da Europa como símbolo da plenitude do desenvolvimento, conhecimento, economia e cultura. As pesquisas encontram-se no auge de seus desenvolvimentos e o embate contra esses imaginários mantêm-se firmado, essa temática, embora há muito venha sendo discutida, é urgente e bastante pertinente em nossa atualidade.

Se falamos de mulher negra, estamos falando de uma minoria dentro de uma outra minoria, tornando a primeira ainda mais marginalizada e com prejuízos ainda mais acentuados que a categoria *mulheres*. A mulher negra tinha seus direitos calados tanto por vias sexistas quanto racistas, embora o movimento feminista lutasse por igualdade de direitos, denunciando as relações de poder instauradas e naturalizadas, o recorte racial era ignorado pelo movimento.

Suely Carneiro (2003) relata que no Brasil e na América Latina a violência colonial sofrida pelas negras e indígenas pelos senhores brancos – resultando daí a nossa miscigenação – é a responsável pelas hierarquias de gênero e raça que assolam nossas sociedades até hoje. Segundo Carneiro, nossa “ordem social supostamente democrática... mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituídas no período da escravidão” (p.1).

Entendendo, então, as hierarquias de raça e gênero como algo construído historicamente e discursivamente, que nada tem de inato ou fixo, podemos pensá-las de um outro jeito, que não o concebido até então. Essa é uma tarefa de desconstrução de imaginários, necessitando de mecanismos e ferramentas, que possam contribuir com essa proposta.

Nessa perspectiva, pretendemos evidenciar, neste trabalho, como a literatura pode corroborar na desconstrução desses imaginários e desnaturalizar ordens hegemônicas, para tanto, analisaremos os livros *A princesa que escolhia* (2012) e *Menina bonita do laço de fita* (1997), da escritora Ana Maria Machado.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

A COLONIZAÇÃO DOS IMAGINÁRIOS

Entender as condições da travessia e toda a situação dos (as) negros (as) no período colonial é, sem dúvida, pertinente para o início da abordagem a que pretendemos fazer. O tráfico de africanos para as Américas, segundo Sheila Walker (2012, p. 11), “foi a maior migração forçada da história humana”, início da desumanização e coisificação de escravos⁴, os quase quatro séculos de trabalho forçado sem remuneração e a tentativa de apagamento da identidade de um povo não podem ser esquecidos ou diminuídos.

Esses fatos, decerto, justificam o desequilíbrio econômico gerado entre a Europa – explorador - como ideal do desenvolvimento e riqueza e África e América do Sul – explorados - como sinônimos de pobreza e subdesenvolvimento, como ainda nos embasa Walker (2012). Certamente, não podemos nos limitar apenas aos sofrimentos que passaram nossos (as) ancestrais para não cairmos no perigo da vitimização, mas a importância de destacamos também o caráter protagonístico, o qual Sheila Walker (2012) ainda nos trás, e contrário a passividade: o (a) escravo (a) não recebeu por bondade a abolição da escravidão, ao contrário, lutou por ela.

A partir da dominação gerada pela Europa sobre a África e a América do Sul, o eurocêntrismo se firmou como modelo civilizatório, como esclarece Edgardo Lander (2005, p.13) e que “ pensa e organiza a totalidade do tempo e do espaço para toda a humanidade do ponto de vista de sua própria experiência, colocando sua especificidade histórico-cultural como padrão de referência superior e universal”.

Esse “padrão” encontrou sustentabilidade, além dos fatores expostos até agora, nos modelos evolucionistas do sec. XIX, que pregavam o branqueamento como ideal de salvação e regeneração racial. Lilia Schwarcz (1994), no que se

⁴ Sheila Walquer no livro *Conocimiento desde adentro* retrata que nunca antes no sistema escravista os europeus e euroamericanos tinham dado o tratamento desumano a outros escravos como deram para os africanos e afrodescendentes.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILEIRIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

refere a tais modelos, nos esclarece que os mesmos condenavam a mistura de raças e diziam que tal mistura levaria “à degeneração não só do indivíduo como de toda a coletividade”. Outra evidência dessa política, foi a alusão feita por inúmeras empresas entre o sabão e a purificação, “lavando da pele o estigma da degeneração racial e de classe” MCCLINTOCK (2010 p. 316).

O eurocêntrismo dita as normas que regem a maior parte do mundo, regras de civilização, cultura, moda, economia, religião e, principalmente, saber, conhecimento. Esses últimos fatores nos ajudam a perceber o porquê da história universal - e tida como verdade absoluta sobre os (as) escravos, índios, mulheres, processos de colonização, entre outras minorias - sempre ter sido escrita por brancos europeus, “capazes e detentores do saber soberano”.

Deste modo, Walker (2012,p.19) nos explica a indispensabilidade dos estudos históricos a partir de um olhar *desde adentro*:

“de manera íntima y profunda, muy desde adentro, una visión de dos culturas regionales, definiendo claramente a los actores comunitarios como las autoridades de su propia realidad y caracterizando las tradiciones orales como fuentes de sabiduría”.

Por isso faz-se necessário os estudos pós-coloniais no sentido de trazer pesquisadores comprometidos com esse olhar *desde adentro* e com a história que nos foi negada ou que nos foi contada com o olhar *desde afora*⁵.

E a partir da filosofia eurocêntrica, reproduzida por anos até os tempos atuais, de valorização exacerbada da Europa e Estados Unidos como detentoras do saber, e de como, argumenta Nascimento dos Santos (2015), as heranças coloniais que regem as categorizações dos padrões do poder moderno alimentam mecanismos de hierarquização e foram construindo nos imaginários dos (as) colonizados (as) o ideal europeu e estadunidense como símbolos de desenvolvimento, salvação, riqueza e bem-estar.

⁵ Walker (2012) explica que o olhar *desde afora* conta a história oficial das nações na perspectiva eurocêntrica que nega e minimiza a história dos colonizados.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Nessa mesma perspectiva Restrepo e Rojas (2010, p. 15) abordam a questão da colonialidade como algo que:

se extiende hasta nuestro presente y se refiere a un patrón de poder que opera a través de la naturalización de jerarquías territoriales, raciales, culturales y epistémicas, posibilitando la reproducción de relaciones de dominación; este patrón de poder no sólo garantiza la explotación por el capital de unos seres humanos por otros a escala mundial, sino también la subalternización y obliteración de los conocimientos, experiencias y formas de vida de quienes son así dominados y explotados.

Entendemos, então, que essa colonização do pensamento é um dos maiores desafios contemporâneos a ser enfrentado pelos colonizados e a necessidade urgente dessa descolonização na busca da aceitação e valorização dos africanos e afrodescendentes, bem como de sua cultura, crenças e saberes.

A SITUAÇÃO DA MULHER NEGRA

Se o colonizado negro sempre esteve numa situação de subalternidade com relação a seu colonizador, a situação da mulher colonizada negra acentua-se muito mais. As relações de gênero homem/mulher, dominante/dominada sempre foram evidentes formas de poder e opressão em nossa sociedade e a constante repetição dessas categorias serviu para “produzir” e não só “representar” a categoria das “mulheres” – quais os atributos o indivíduo deve ter para ser classificado como “mulher” ou de que mulheres estamos falando? - , acentuando ainda mais a disparidade entre os gêneros, como alerta Butler (2015).

Reconhecemos os inúmeros ganhos que o movimento feminista conquistou ao longo dos anos, dando protagonismo à mulher e contribuindo para criação de políticas públicas e ações afirmativas com intuito de gerar a tão almejada paridade entre os sexos. Mas, também, não podemos deixar de pontuar que o feminismo foi prisioneiro da visão eurocêntrica que universalizava as mulheres e não reconhecia algumas demandas que eram peculiares a determinados grupos



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

distintos de mulheres e que não necessariamente perpassava por questões sexistas, segundo Sueli Carneiro (2003).

O estereótipo da “mulata”, criado em torno da mulher negra, é um claro exemplo dessa questão, são totalmente “marcadas mais por um desejo de exploração por parte do homem, do que pelo desejo amoroso do repartir afeto” Beatriz Nascimento (1990)⁶. Além da exploração sexual sofrida durante toda a época do Brasil colônia, a escrava enquanto coisa, objeto, deveria satisfazer as necessidades do seu senhor.

A colonialidade perpassava e ainda perpassa os campos de gênero. Na época colonial, a divisão maniqueísta da missão civilizadora “só servia para marcar a sexualidade feminina como maligna, uma vez que as mulheres colonizadas eram figuras em relação a Satanás, às vezes como possuidoras de Satanás” (LUGONES, 2014, p. 938), enquanto que as mulheres brancas, não colonizadas eram símbolo de pureza.

O ideário sensual da negra foi construído e repetido ao longo dos anos, mascarado pela “valorização” do seu corpo, mas que na verdade objetifica e cria um imaginário puramente sexual, e vendido tanto para o nosso país como, e principalmente, para estrangeiros através da mídia, do carnaval e da própria literatura brasileira.

Segundo Ana Claudia Lemos Pacheco (2013, p.25) “a mulher negra e mestiça estariam fora do ‘mercado afetivo’ e naturalizada no ‘mercado do sexo’, da erotização”. Isso faz com que o Brasil tenha se tornado um país que, além de outros atrativos, tenha o turismo sexual da mulher negra como marco e cartão postal para estrangeiros.

Stevens e Vasconcelos (2011) em seu artigo *Mães Negras* citam Mariza Correia (1996) e o professor Eduardo Assis da Federal de Minas Gerais - quanto à construção da mulata como o ideário erótico na literatura brasileira de autoria masculina – argumentam que essa literatura fomenta ainda mais a subjugação e o valor utilitário da mulher negra, relacionando-a a esterilidade, pois a

⁶ Disponível em: <http://www.geledes.org.br/a-mulher-negra-e-o-amor/>.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

maternidade era característica atribuída apenas as brancas, dignas de serem mães de família.

Contrapondo essa literatura masculina, Stevens e Vasconcelos (2011) ainda nos evidenciam que na literatura afro-brasileira de autoria feminina é evidente a atribuição da função materna às mulheres. Podemos encontrar também, sob o olhar pós-colonial, o caráter proativo que muitas negras tiveram, suas lutas e resistências desde o período colonial, o legado que o feminismo negro carrega esta longe da passividade.

Nessa mesma perspectiva, Anne McClintock (2010, p. 560) aborda essa questão afirmando que nos anos de 1960 e 1970 as mulheres africanas não entendiam o feminismo branco como “universal no sofrimento”, e que houve a necessidade de modelar o movimento e dar visibilidade as suas próprias demandas.

O feminismo branco eurocêntrico contribui (conscientemente ou não) para o apagamento da história de lutas e de resistências da mulher negra brasileira, negando o direito ao protagonismo, mas, por outro lado, forçando a mulher negra a colocar como pauta na agenda dos Movimentos Negros às desigualdades raciais dentro da própria categoria do gênero. Nesse momento, surge a necessidade de repensar o movimento feminista vigente, que, embora muito tenha alcançado, começa a encontrar conflitos em suas próprias categorias.

Desde então, as demandas das negras brasileiras têm se fortalecido e obtido êxitos, o Feminismo Negro fez emergir questões por muito tempo caladas pelo *status quo*, porém, o grande entrave para muitos estudiosos (as) é justamente o imaginário, não só construído na cabeça das negras brasileiras, mas de todo o mundo, e que apesar do empenho dos pesquisadores da temática, os quase 400 anos de trabalho forçado, de todas as barbáries que já pontuamos neste trabalho e do imaginário construído através da tentativa de branqueamento eurocêntrica, não serão desconstruído tão facilmente.

A LITERATURA COMO LÓCUS ENUNCIATIVO DO DISCURSIVO SOCIAL



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

A mulher negra disputa espaço dentro das narrativas hegemônicas que ainda tentam as excluir, e, nessa perspectiva, justifica-se a escolha das obras selecionadas para esse trabalho: “*A princesa que escolhia*” (2012) e “*Menina bonita do laço de fita*” (1997) que valorizam e colocam a mulher negra em um lugar de proatividade, trabalhando na contramão das hegemonias.

A escritora contemporânea Ana Maria Machado, revela CARVALHO (2004), aborda em suas histórias crítica “a tudo aquilo que represente desmando, opressão e desrespeito às liberdades individuais e coletivas” (p. 67). Encontramos, em suas obras infantis e juvenis, forte presença feminina, protagonizando enredos e denunciando padrões pré-estabelecidos. As personagens de Ana Maria Machado questionam naturalizações com profunda consciência emancipatória (PEREIRA, 2004).

Se, segundo Bakhtin (1998), as análises da estilística tradicional são insuficientes para dar conta de todas as particularidades do discurso literário, pois separar forma de conteúdo não dá conta das muitas possibilidades de que a obra dispõe, entenderemos a literatura aqui como um meio artístico não-neutro. Irene A. Machado (1989, p.123) em seu livro “Analogia do Dissimilar” aborda essa temática bakhtiniana “Para Bakhtin é impossível ignorar que existe todo um contexto axiológico interferindo na caracterização do domínio estético”, assim, a forma se torna meio de expressar valores.

Tendo em vista que muitas obras literárias têm em suas narrativas o que Barthes denomina de *efeito de real*, pois significam/aparentam a “categoria do real”, entende-se que as enunciações artísticas acabaram sendo tão sociológicas quando as enunciações do cotidiano (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2013), concebendo, então, a literatura como esse lócus discursivo social, que pode disseminar valores ou desconstruí-los.

Nessa mesma perspectiva sociológica do discurso, Judith Butler (2015), aborda a questão do indivíduo e do seu gênero como sendo construído discursivamente, ou seja, não há fixidez, nem algo pré-determinado, mas forma-se sem ter a biologia ou a cultura como destino, a partir de discursos (científicos,



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

religiosos, empíricos e artísticos - e aqui entram as obras literárias), que o indivíduo internaliza durante toda a sua vida.

Na primeira obra, *A princesa que escolhia*, a autora cria uma família real negra, bem diferente das realezas outorgadas pelos clássicos, dando a filha, a princesa, autonomia e protagonismo durante toda a narrativa. A princesa toma suas próprias decisões, não sonha com o ideal regulador do casamento, salva o reino de uma epidemia, além de ter idéias revolucionárias, quando transforma a monarquia em democracia.

Temos aqui, um livro que coloca os chamados “segundo dos pares” em evidência. Temáticas envolvendo gênero, classe social, etnia e política compõem o enredo e constroem discursos, que dão poderio e destaque aos que são marginalizados pela opressão hegemônica de padrões ideais instaurados.

O livro *Menina bonita do laço de fita* aborda a questão da valorização da beleza da mulher negra, ao contrário do que foi construído, segundo Carneiro (1995), de que a mulher branca seduz pela suas “formas brancas”, pela sua beleza, enquanto a negra cativa pela sua sexualidade.

Então, se o indivíduo e seu gênero são construídos, podemos pensá-lo em uma nova ordem que não binária, maniqueísta, heterossexual e hierárquica, produto de “ficções reguladoras” (BUTLER, 2015, p. 68). E, nessa construção, incluímos a literatura como lócus enunciativo do discurso social que, não só constrói, mas modifica discursos hegemônicos em prol da paridade de sujeitos assentados em bases dicotômicas excludentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões levantadas até aqui, entendemos que a mulher negra é ainda refém de um mesmo imaginário colonial eurocêntrico que sempre fez questão de colocá-la situação de domínio e submissão e que sempre tentou apagar sua história de resistência, como nos relata Pacheco (2003 p. 58):

O papel das mulheres negras em lutas organizadas contra a escravidão
– as fugas, os motins, as rebeliões e a formação dos quilombos –



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

demonstravam uma reação à dita docilidade-cordialidade-submissão dos negros e das mulheres escravas contra a família patriarcal branca.

Essa tentativa de apagamento do protagonismo dessas mulheres e o reconhecimento de povos desenvolvidos, civilizados, culturas predominantes, de raças superiores, de ideais de beleza contribuíram e contribuem para a tão debatida colonização dos imaginários.

Do mesmo modo como BUTLER (2015) afirma que o termo mulher esta “aberto a intervenções e ressignificações”, faz-se necessário a subversão da ordem hegemônica com relação as questões de poder, dominação e opressão da mulher negra.

A descolonização dos imaginários parte da premissa do desejo de uma nova ordem, da desconstrução do caráter utilitário e sexual dos negros (as), de dar lugar ao aparecimento de verdades que não as contadas e tidas como absolutas, verdades que contemplem de fato características do povo negro, da *alma negra*⁷. Assim, a literatura como lócus do discurso social, vem ajudando a construir discursos que não alimentem a ordem naturalizada.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. – 8ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BAKHTIN, M. *Questões de Literatura e Estética: A teoria do romance*. 5. ed. São Paulo, Hucitec, 1998.

CARNEIRO, Sueli. *Mulheres em movimento*. **Estud. av.**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, Dec. 2003. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008&lng=en&nrm=iso>. acessado em 22 Nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000300008>.

_____. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: *Racismos contemporâneos*. AASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Orgs.). Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003. p. 49-58.

⁷ Ler Malhas que os impérios Tecem de Manuela Ribeiro Sanches.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

- _____. *Gênero, raça e ascensão social*. Estudos Feministas, ano 03, n. 2, Dossiê Mulheres Negras. Florianópolis, p. 544-552, jun/dez 1995.
- CARVALHO, Neuza Ceciliato de. A emancipação do sujeito infantil. In. PEREIRA, Maria Gonçalves. ANTUNES, Benedito. *Trança de histórias: a criação literária de Ana Maria Machado*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004. pp. 67-86.
- LANDER, Edgardo. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Colección Sur Sur. Buenos Aires, Argentina CLACSO, 2005.
- MACHADO, Ana Maria. *A princesa que Escolhia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- MACHADO, Ana Maria. *Menina bonita do laço de fita*. São Paulo. Ed. Ática, 1999.
- MACHADO, Irene. *Analogia do dissimilar*. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- MCCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Trad. Plínio Dentzien. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.
- NASCIMENTO, Beatriz. *A mulher negra e o amor*. 1990. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/a-mulher-negra-e-o-amor/>. Acessado em 15 de julho de 2016.
- PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Mulher negra : afetividade e solidão*. Coleção Temas Afro - Salvador : ÉDUFBA, 2013.
- PEREIRA, Maria Gonçalves Pereira; ANTUNES, Benedito. Apresentação. In. _____(orgs). *Trança de histórias: a criação literária de Ana Maria Machado*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004. pp. 67-86.
- RESTREPO, Eduardo; ROJAS, Axel. *La inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos*. Popayán: Instituto Pensar, Editorial Universidad del Cauca, 2010.
- SANTOS, Daiana Nascimento dos. *El oceano de fronteras invisibles*. Madrid: Verbum, 2014.
- SANCHES, Manuela Ribeiro. *Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Espetáculo da miscigenação*. Estud. av., São Paulo , v. 8, n. 20, p. 137-152, Apr. 1994 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000100017&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 20 de julho de 2016.
- VOLOCHÍNOV, V. N. (do Círculo). Que é linguagem (1930).In: _____. Org., Trad. e Notas João Wanderley Geraldi. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos, 2013, p. 131-156.
- WALKER, Sheila. *Conocimiento desde adentro*. Popayán: Editorial Universidad Del Cauca, 2012.